



A Santa Sé

**DISCURSO DO SANTO PADRE
AOS PARTICIPANTES NA ASSEMBLEIA DA C.E.I.
SOBRE A PASTORAL NO CAMPO DA SAÚDE**

Quinta-feira, 17 de Maio de 2001

1. Estou feliz por dar as boas-vindas a todos vós, que durante estes dias reflectis sobre a presença da Igreja no mundo da saúde, da doença e do sofrimento. Dirijo a minha saudação, em primeiro lugar, ao Cardeal Camillo Ruini, Presidente da Conferência Episcopal Italiana, e ao Bispo D. Javier Lozano Barragán, Presidente do Pontifício Conselho para a Pastoral da Saúde, e agradeço-lhes as suas palavras cordiais. Saúdo os outros Prelados aqui presentes, de maneira especial D. Alessandro Plotti, Arcebispo de Pisa e Vice-Presidente da Conferência Episcopal Italiana, e D. Benito Cocchi, Bispo de Módena e Presidente da Comissão Episcopal da Conferência Episcopal Italiana para o serviço da caridade e a pastoral no campo da saúde.

Além disso, faço extensiva a minha saudação a todas as pessoas que vivem na enfermidade e no sofrimento, às suas famílias e a quantos cuidam delas. Como desejei escrever na Mensagem deste ano para o Dia Mundial do Doente, quero ir, verdadeira e espiritualmente, todos os dias visitar quem sofre, para "me deter ao lado dos enfermos, dos familiares e do pessoal que trabalha no campo da saúde" (Ed. port. de *L'Osservatore Romano* de 2 de Setembro de 2000, pág. 7, n. 3).

Esta vossa Assembleia, significativa por muitos motivos, insere-se no caminho empreendido pela Igreja italiana para uma promoção da pastoral da saúde, que seja cada vez mais activa. Encorajo-vos a prosseguir ao longo deste caminho, para que seja reconhecida à pastoral da saúde toda a sua força de testemunho evangélico, em plena fidelidade ao mandato de Cristo: "Ide, proclamai o Reino de Deus e curai os enfermos" (cf. *Lc* 5, 1-2; *Mt* 10, 7-9; *Mc* 3, 13-19).

2. Reunistes-vos para aprofundar o sentido e as modalidades com que actualizar este mandato de Cristo nos dias de hoje. De um atento discernimento das actuais realidades socioculturais, sem dúvida surgem indicações concretas sobre qual deve ser a presença da Igreja no campo do cuidado da saúde, melhorando a sua qualidade e identificando os seus novos percursos de

inserção apostólica.

A este propósito é útil recordar, como eu escrevia na Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, que "não se trata de inventar um "programa novo". O programa já existe: é o mesmo de sempre, expresso no Evangelho e na Tradição viva. Concentra-se, em última análise, no próprio Cristo" (n. 29).

E na Mensagem para o VIII Dia Mundial do Doente, durante o Grande Jubileu do Ano 2000, eu observava: "Jesus não só purificou e curou os enfermos, mas foi também um incansável promotor da saúde através da sua presença salvífica, do ensinamento e da acção... N'Ele, a condição humana mostrava o rosto remido, e as aspirações humanas mais profundas encontravam a sua própria realização. Ele quer comunicar esta harmoniosa plenitude de vida aos homens de hoje" (Ed. port. de *L'Osservatore Romano* de 14 de Agosto de 1999, pág. 6, n. 10). Sim, Jesus veio para que todos "tenham vida e a tenham em abundância" (*Jo* 10, 10). E que âmbito, mais do que o da saúde e do sofrimento, espera o anúncio, o testemunho e o serviço do Evangelho da vida?

Imitando Cristo, que assumiu o rosto "doloroso" do homem a fim de o tornar "glorioso", a Igreja é chamada a percorrer o caminho do homem, especialmente quando ele sofre (cf. *Redemptor hominis*, 7, 14 e 21; cf. também *Salvifici doloris*, 3). A sua acção vai ao encontro da pessoa enferma para a escutar, cuidar e curar as suas feridas, abrindo-a para a compreensão do sentido e do valor salvífico da dor.

Jamais se insistirá suficientemente e vós fizeste-lo nesta Assembleia sobre a necessidade de pôr no centro a pessoa, tanto do doente como dos agentes que trabalham no campo da saúde.

3. A Igreja estima aquilo que os outros fazem neste campo e oferece às estruturas públicas a sua contribuição para corresponder às exigências de uma cura integral da pessoa.

Nisto, ela é impelida e sustentada por uma visão da saúde que não seja uma simples ausência da doença, mas uma tensão para a harmonia completa e o sadio equilíbrio a níveis psíquico, espiritual e social. Propõe um modelo de saúde que se inspira na "salvação salutar", oferecida por Cristo: uma oferta de saúde "global", "integral", que cura o enfermo na sua totalidade. Assim, a experiência humana da doença é iluminada pela luz do Mistério pascal. Experimentando o afastamento do Pai, Jesus crucificado dirige-lhe o seu pedido de ajuda mas, num acto de amor e de confiança filial, abandona-se nas Suas mãos. No Messias crucificado no Gólgota, a Igreja contempla a humanidade que, com confiança, estende a Deus os seus braços dolorosos. Ela aproxima-se com compaixão e solidariedade dos indivíduos que vivem no sofrimento, fazendo seus os sentimentos da misericórdia divina. Este serviço ao homem provado pela doença exige a estreita colaboração entre os agentes no campo da saúde e da pastoral, os assistentes espirituais e o voluntariado no sector médico. A este propósito, como é preciosa a acção das várias associações eclesiais de agentes no campo da saúde, tanto de tipo profissional, incluindo

médicos, enfermeiros e farmacêuticos, como de tipo mais explicitamente pastoral e espiritual!

4. Quanto a isto, merecem uma menção especial as Instituições religiosas que, fiéis ao seu carisma, continuam a desempenhar um papel importante neste sector. Enquanto agradeço a estas Instituições, tanto masculinas como femininas, o seu testemunho que mesmo no meio de não poucas dificuldades elas oferecem com generosidade e competência, peço-lhes que salvaguardem e tornem cada vez mais reconhecível o seu carisma nas actuais situações.

Formulo votos sinceros para que ao seu serviço público jamais falte o justo reconhecimento por parte das autoridades civis. Além disso, trata-se de um serviço que exige um vigoroso e convicto investimento no sector da formação específica dos agentes que trabalham no campo da saúde.

Trata-se de "obras da Igreja", património e diaconia do evangelho da caridade para quantos têm necessidade de cuidados médicos. A tais obras nunca deve faltar o apoio de toda a Comunidade eclesial.

Caríssimos Irmãos e Irmãs! Eis um campo privilegiado em que a Igreja é chamada a testemunhar a presença do Senhor ressuscitado. A todos aqueles que estão comprometidos neste serviço, gostaria de reiterar aquilo que escrevi na mencionada Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*:

"Sigamos em frente, com esperança! Diante da Igreja abre-se um novo milénio, como um vasto oceano em que se aventurar com a ajuda de Cristo" (n. 58). Que no início deste século se apresse o passo de quem é chamado, como o Bom Samaritano, a cuidar do homem ferido que sofre.

Maria, que do Céu vela maternalmente sobre as pessoas provadas pela dor, seja o sustento constante de quantos se dedicam a aliviá-la.

Com estes sentimentos, é de bom grado que concedo a todos uma especial Bênção apostólica.